

Luciano Donizetti da Silva

**A Filosofia de Sartre  
entre a liberdade e a História**

Editora Claraluz

2010



*Este é tempo de partido,  
tempo de homens partidos.*

*(...)*

*Calo-me, espero, decifro.  
As coisas talvez melhorem.  
São tão fortes as coisas!*

*Mas eu não sou as coisas e me revolto.  
Tenho palavras em mim buscando canal,  
são roucas e duras,  
irritadas, enérgicas,  
comprimidas há tanto tempo,  
perderam o sentido, apenas querem explodir.*

*Nosso Tempo*  
Carlos Drummond de Andrade

Para Joana



## AGRADECIMENTOS

Agradeço enormemente ao Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior, mais que professor na maestria, genialidade e liberdade de suas aulas; mais que orientador na perspicácia, competência e generosidade de suas contribuições. Ao Bento, mestre, professor, orientador, amigo de saudosa memória!

Agradeço à Profa Dra. Thelma S. da M. Lessa da Fonseca pelo empenho em fazer com que essa publicação se tornasse possível, além do apoio e amizade desde os tempos de São Carlos; e ao Prof. Dr. Luiz Damon Santos Moutinho, orientador, incentivador, amigo desde minha graduação e mestrado em Curitiba. Agradeço ainda à Thelma e ao Damon pelos importantes comentários e sugestões por ocasião da defesa de tese de doutorado.

Agradeço ao Prof. Dr. Wolfgang Leo Maar por, na defesa de tese, fazer-me ver o marxismo para além dos olhos de Sartre; e ao Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva por, na mesma ocasião, fazer-me ver que seria forçosa uma filosofia sartriana que se pretendesse sistêmica.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo por ter financiado essa publicação, além de custear seus três anos de elaboração. A possibilidade de dedicação exclusiva à pesquisa e o fomento para aquisição de material e participação em eventos, proporcionados pela FAPESP, foi imprescindível para o resultado desse trabalho.

Agradeço ainda à Soninha, amiga de longa data e entusiasta dessa publicação, e a todos os amigos e amigas que tornaram a estadia em São Carlos, período de construção desse trabalho, inesquecível. Agradeço a todos os professores de filosofia da Universidade Federal de São Carlos, seus técnicos e seus funcionários.

Enfim, agradeço a todos que, *em grupo*, tornaram possível esse livro.

Rua Rafael de Abreu Sampaio Vidal, 1217 Centro  
CEP 13560-050 São Carlos-SP Fone/Fax (016) 3374 8332  
www.editoraclarluz.com.br

*Coordenação Editorial*  
Editora Claraluz®

*Diagramação*  
Maíra Valencise Gregolin

*Revisão*  
Mariucha Magrini Neri  
Maíra Valencise Gregolin

*Capa*  
Canal 6

*Impressão e Acabamento*  
Prol Gráfica

*Conselho Editorial*  
Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes (UFU)  
Prof. Dr. Francisco Paulo da Silva (UERN)  
Prof. Dr. Hermes Renato Hildebrand (UNICAMP)  
Profa. Dra. Marisa Martins Gama Khalil (UFU)  
Prof. Dr. Nilton Milanez (UESB)  
Prof. Dr. Pedro Navarro (UEM)

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca do ICMC/USP

A filosofia de Sartre entre a liberdade e a história /

F488 Luciano Donizetti da Silva, org. São Carlos :  
Claraluz, 2010 341 p.

ISBN 978-85-88638-54-9

1. Filosofia. 2. Sartre 3. Liberdade. 4. Conhecimento.  
I. Silva, Luciano Donizetti da, org.

## SUMÁRIO

ABREVIATURAS \_\_\_\_\_ 09

PREFÁCIO \_\_\_\_\_ 11

INTRODUÇÃO \_\_\_\_\_ 15

### *PARTE I: A LIBERDADE E A FORÇA DAS COISAS*

A LIBERDADE NA HISTÓRIA \_\_\_\_\_ 53

Cap. 1: Situação e história \_\_\_\_\_ 61

Cap. 2: Genet - eu é um outro \_\_\_\_\_ 131

Cap. 3: O indivíduo e a sociedade \_\_\_\_\_ 165

### *PARTE II: CARIBDES OU CILA?*

O NECESSÁRIO DESDOBRAMENTO

DE EN NUMA CRD \_\_\_\_\_ 199

Cap. 1: Uma questão de método \_\_\_\_\_ 241

Cap. 2: O método progressivo-regressivo \_\_\_\_\_ 269

CONSIDERAÇÕES FINAIS \_\_\_\_\_ 299

REFERÊNCIAS \_\_\_\_\_ 333



## ABREVIATURAS

As obras de Sartre citadas ao longo do texto serão abreviadas da forma que se segue:\*

- CA *A Conferência de Araraquara* (edição bilingue)  
CRD *Critique de la Raison Dialectique* (trad. Guilherme J. de F. Teixeira)  
DB *Le Diable et le Bon Dieu* (trad. Maria Jacinta)  
EH *L'Existencialisme est un Humanisme* (trad. Vergílio Ferreira)  
EN *L'Être et le Néant* (trad. Paulo Perdigão)  
ET *Esquisse d'une Théorie des Émotions* (trad. Paulo Neves)  
FS *Le Fantôme de Staline* (trad. Roland Corbisier)  
HC *Huis Clos* (trad. Alcione Araújo e Pedro Hussak)  
I *L'Imaginaire* (trad. Duda Machado)  
IM *L'Imagination* (trad. Luiz R. S. Fortes)  
IR *L'Âge de Raison* (trad. Sérgio Milliet)  
LC *La Liberté Cartésienne* (Sit. I)  
LET *Lettres au Castor*  
LP *La Liberation de Paris (Écrits)*  
M *Les Mots* (trad. J. Guinsburg)  
MA *La mort dans l'âme* (trad. Sérgio Milliet)  
MO *Les Mouches* (trad. Caio Liudvik)  
MS *Les mains sales* (trad. Antônio C. Martins)  
MU *Le Mur* (trad. H. Alcântara Silveira)  
N *La Nausée* (trad. Rita Braga)  
PH *Le Processus Historique (Écrits)*  
QJ *Réflexions sur la question juive* (trad. Mário Vilela)

---

\* Todas as citações foram feitas a partir de obras traduzidas para o português, daí a razão de citar os 'tradutores'; no caso de obras ainda não traduzidas a tradução foi feita pelo autor do livro.

- QL      *Qu' est-ce que la Littérature?* (trad. Carlos F. Moisés)  
S        *Sursis* (trad. Sérgio Milliet)  
SG      *Saint Genet, comédien et martyr* (trad. Lucy Magalhães)  
Sit. I    *Situations I* (trad. Cristina Prado)  
Sit. II   *Situations II*  
Sit. III   *Situations III*  
Sit. IV   *Situations IV*  
Sit. VI   *Situations VI*  
TE      *La Transcendance de l'Ego* (trad. Pedro M. S. Alves)

## PREFÁCIO

Luiz Damon Santos Moutinho

A acolhida da obra de Sartre por parte da academia foi marcada por ambigüidades. É verdade que desde o início essa obra pretendeu ir muito além dela. Mais que isso, ela sempre quis ser anti-universitária. Em larga medida, a leitura que Sartre faz de Husserl é marcada por esse projeto: infletir em outra direção a “genial síntese universitária” realizada pelo filósofo alemão, síntese inteiramente determinada pelo primado do conhecimento, pelos problemas relativos à crítica da razão e à epistemologia. Era preciso infletir-na na direção do concreto – termo que fez fortuna nos anos 20 e 30, tão presente na obra de Sartre. Ele mesmo, aliás, em *Questões de método*, relembra esse começo de sua carreira e nota a importância que teve para sua geração o *Vers le concret*, de Jean Wahl – sem deixar de notar que o vers ainda marcava um distanciamento que ele buscou superar... Em um texto célebre sobre o conceito de intencionalidade, “idéia fundamental” de Husserl, Sartre deixa claro a inflexão realizada por ele: a fenomenologia permite voltar a falar desse mundo contingente em que vivemos, mundo de “horror” e de “encanto”, e que não é ainda o mundo de que fala o cientista, marcado pelas abstrações próprias à ciência, nem aquele de que fala o filósofo acadêmico idealista, rebatido do primeiro. Antes de serem abstrações, o “sujeito” é essa consciência situada em meio a outras consciências e o “objeto” é esse mundo sensível carregado de significações.

Diante de um projeto marcadamente anti-universitário, não é de estranhar que a acolhida acadêmica da obra de Sartre não tenha sido das melhores. Ela jamais teve uma fortuna

crítica comparável, por exemplo, à de Bergson. Sartre foi muito lido em vida, mas muito pouco pela academia, que, por sua parte, gostava de ostentar certo desprezo por essa obra voltada sobretudo à vida prática (no sentido clássico do termo), às questões existenciais, à política e à história. Mesmo Foucault, pelo menos no início da carreira, quando ainda disputava um lugar na cena pública e Sartre era um “adversário”, usou do artifício de apontar em Sartre uma falta de cuidado na exegese dos autores com os quais debatia – argumento que, mais tarde, a academia usaria contra o próprio Foucault.

As disputas na cena política, por outro lado, às quais Sartre não economizava energia, marcavam essa obra com uma carga de significados oriundos da própria disputa e que, forçosamente, a desfiguravam. E Sartre parecia não se preocupar com isso, como se sua obra, desde sempre, estivesse condenada à disputa, à polêmica. E isso não por um gosto particular pela polêmica, mas porque cabe à filosofia “problematizar”, levantar questões – ou, mais precisamente, cabe à filosofia levantar a questão, aquela que não deriva mais de nenhum contexto em particular, que não é condicionada por nenhuma circunstância, mas que condiciona todas as circunstâncias, que põe em cena todos os contextos.

Foi preciso um recuo para que se colocasse essa obra polêmica em perspectiva, como se apenas uma distância temporal permitisse fazê-lo; talvez porque essa obra, mais que um testemunho de seu tempo, viveu de pensá-lo. Pelo sim, pelo não, foi um recuo no tempo que permitiu à academia acertar suas posições e fazer jus a uma obra que, apesar dela, se impôs como clássica.

Entre os trabalhos de alta qualidade que daí surgiram (não tantos, é bem verdade) destaca-se esse que o leitor tem em mãos. E tanto mais porque, em *A filosofia de Sartre entre a liberdade e a história*, Luciano Donizetti da Silva discute um problema de ordem geral que atravessa o conjunto da obra de Sartre. É sabido que a experiência da guerra teve um impacto enorme sobre o filósofo, a ponto de, segundo a literatura corrente, a

obra se dividir em dois momentos distintos: aquele que vai até um pouco depois de *O ser e o nada* (1943) e que tem nesta obra seu momento mais elevado, e aquele do pós-guerra e que tem na *Crítica da Razão Dialética* (1960) sua maior expressão. No primeiro, domina a consciência e suas categorias; no segundo, aparece enfim a História e a dimensão social. Tudo isso, certamente, o leitor encontra na própria obra de Sartre. Mas o que ele não encontra ali é o que permite articular esses dois momentos, e é isso que Luciano mostra com grande perspicácia.

E o inverso também é corrente na literatura: ver na obra de Sartre uma unidade dominada pelo problema moral, o que também o leitor facilmente encontra em Sartre. Mas o que ele não encontra à vista é o que permite distinguir dois grandes momentos no interior dessa unidade, e é isso que Luciano aponta com argúcia.

A unidade e a diferença entre esses dois momentos – eis o problema geral enfrentado por esse belo livro. E ele é enfrentado à luz de uma questão particularmente complexa: a das relações com o marxismo. Para isso, foi preciso Luciano recuperar todo o significado da “crítica existencial” lançada por Sartre a um marxismo fossilizado e dogmático, crítica que levou o filósofo a colocar não apenas o marxismo, mas também sua própria filosofia em questão. E é bem daí que Luciano retira o principal de sua pesquisa.

Nela, ele trabalha cuidadosamente a articulação e a distinção entre o momento “existencialista” e o momento “marxista” no interior de uma obra tão vasta. E o faz explorando não apenas textos eminentemente técnicos de filosofia, mas também textos literários (incluindo peças de teatro), com particular atenção para o *Saint Genet*, um dos textos mais felizes, senão o mais feliz, da obra sartriana. A leitura de *Saint Genet* é um momento particularmente elevado desse livro que o leitor tem mãos – e que já nasceu destinado a se tornar leitura obrigatória nos estudos sartrianos.

